

---

## “Pensei que Obama tinha resolvido isso”: uma análise da construção da primeira temporada da série *Dear White People* em relação ao racismo nos Estados Unidos<sup>1</sup>

Winglison Henrique do Nascimento TENÓRIO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco

### Resumo

Os produtos da cultura da mídia (KELLNER, 2001) não são entretenimento inocente, mas contém discursos que podem atender a valores de grupos sociais detentores de poderes distintos, contribuindo também para produção e reprodução de representações sociais (MOSCOVICI, 2007). *Dear White People* (2017), série televisiva de Justin Simien produzida pela Netflix, está enquadrada entre esses produtos. Considerada uma dramédia satírica (BIBIANO e ENNE, 2017), ela apresenta enredo relativo ao racismo nos Estados Unidos. O presente trabalho tem por objetivo identificar os pontos relacionados às questões raciais associadas a comunidade negra dos Estados Unidos, abordados nos 10 episódios da primeira temporada de *Dear White People*. Através da catalogação e análise deles, busca-se entender como esses pontos constroem a série em relação ao racismo no país.

### Palavras-chaves

*Dear White People*; análise; racismo; Netflix; Estados Unidos

### Apresentação

O histórico de discriminação e de subordinação de mulheres negras e homens negros é reencenado nas mais variadas formas de violência, indo do preconceito cotidiano ao extermínio da população negra (MATEUS, 2016, p.3). A reencenação da discriminação também pode ser encontrada nos produtos de cultura da mídia (KELLNER, 2001), quando, por vezes, negros são retratados de forma negativa. Um exemplo são os estereótipos que reforçam estigmas sociais racistas.

Entretanto, é inegável a participação desses produtos na construção do cotidiano social e seu potencial para promover mudanças no imaginário coletivo, uma vez que a comunicação e a informação estão diretamente ligadas às dinâmicas sociais contemporâneas.

“Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade” (KELLNER, 2001, p. 9).

Como produtos da cultura da mídia, as séries televisivas apresentam sua importância nesse contexto.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Graduando em Jornalismo na Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: winglisonhenrique@gmail.com

---

Intitulada no Brasil como *Cara Gente Branca*, a série norte-americana *Dear White People* (2017) produzida pelo serviço de *streaming* Netflix é marcada justamente por tratar de várias questões relacionadas ao racismo e ao cotidiano de pessoas negras em sociedades racializadas.

De acordo com Silva (2014) estamos presenciando o que ele conceitua como cultura das séries. Por conta do espaço que essa cultura tem ocupado na cultura da mídia, torna-se de ampla relevância procurar compreender de que forma esses produtos culturais, aqui, a série *Dear White People* (DWP a partir de então), são construídos em relação às questões raciais nos Estados Unidos.

Coloco-me enquanto espectador da série em país estrangeiro e busco analisar as temáticas apresentadas em DWP a partir da perspectiva das relações raciais no Estados Unidos, país de produção e local onde se situam as ações do enredo. Para isso, apresento em meu referencial teórico produções que tratam do contexto racial do referido país, tendo ciência das diferenças entre os processos de racialização e discriminação nos EUA e no Brasil.

## **1. Pensando o racismo moderno norte-americano**

O racismo nos Estados Unidos remete ao período de colonização do território do Novo Mundo, a América, pelos ingleses protestantes. No entanto, aqui, cabe pontuar as consideradas “novas formas de racismo” (LIMA & VALA, 2004) que passaram a ser estudados a partir da década de 1970. O primeiro conceito é o de racismo simbólico (SEARS & KINDER, 1971; SEARS & MCCONAHAY, 1973 apud LIMA & VALA, 2004).

Baseado nos sentimentos e crenças de que os negros violam os valores tradicionais norte-americanos da ética protestante, o racismo simbólico tem esse nome porque os autores Kinder e Sears (1971) perceberam em seus estudos que alguns itens dele “pressupunham abstração moral e enfatizavam sentimentos e crenças adquiridas ao longo da socialização e não através da competição direta com os negros” (LIMA & VALA, 2004, p. 404).

Já a teoria do racismo moderno (MCCONAHAY & HOUGH, 1976 apud LIMA & VALA, 2004) nasce de uma necessidade prática de medir as atitudes raciais públicas dos indivíduos, quando as normas sociais inibem essas manifestações. Da mesma forma que o conceito de racismo simbólico, o racismo moderno também parte do pressuposto de que os negros estão recebendo mais do que deveriam e violando importantes valores brancos.

Assim, de uma maneira sintética, o racismo moderno se baseia no seguinte conjunto de crenças e avaliações: a) a discriminação é uma coisa do passado [sociedade pós-racista]

---

porque os negros podem agora competir e adquirirem as coisas que eles almejam; b) os negros estão subindo economicamente muito rápido e em setores nos quais não são bem-vindos; c) os meios e as demandas dos negros são inadequados ou injustos e, d) os ganhos recentes dos negros não são merecidos e as instituições sociais lhes dão mais atenção do que eles deveriam receber (LIMA & VALA, 2004, p. 404).

É comum ao racismo simbólico e ao racismo moderno o fato de que são expressões disfarçadas e indiretas do racismo que tem a intenção de não ferir a norma de igualdade entre os atores sociais pregada nos documentos que fundam os Estados Unidos enquanto nação. De acordo com Lima e Vala (2004), essas atuais manifestações racistas são tão ou mais danosas e perversas do que as manifestações abertas e flagrantes.

No entanto, é importante ressaltar um ponto tensionado pelos autores: o racismo simbólico, apesar do nome, transpassa a questão simbólica a partir do momento que, assim como o racismo moderno, tem a capacidade de mutação e transformação em ações violentas.

A partir disso, é importante pensar o racismo moderno nos Estados Unidos como um racismo institucional. Ou seja, algo que se manifesta de forma difusa no funcionamento de instituições e organizações, sem que seja facilmente identificável ou punido (SILVA et al., 2009). Antes instituído nas leis escravocratas e de segregação, agora, enraizado na estrutura social de forma simbólica ou empírica.

## **2. Relacionando questões raciais**

Partindo do pressuposto da institucionalização do racismo nos Estados Unidos e sem esquecer que ele se alia a outros discursos, não é possível pensar em *um* racismo ou em *uma* comunidade negra estadunidense. Mas, em sujeitos negros pluridimensionais e múltiplas manifestações racistas. Posso começar remetendo ao exemplo das mulheres negras.

De acordo com Suzana Mateus (2016), “se para os homens a intolerância tem como mote o racismo, para as mulheres a experiência se dá também através de questões de gênero, produzindo um duplo opressor que cria formas singulares de dominação”. Segundo ela, nos Estados Unidos, essa combinação entre racismo e preconceito de gênero criou estereótipos como o da Mãe Preta e da Jezebel, respectivamente, a mãe-serva e a prostituta. Que tinham dois interesses distintos: “validar a escravidão e justificar o assédio sexual” (MATEUS, 2016, p. 3).

Além disso, as mulheres negras se tornaram sistematicamente preteridas no que se convencionou chamar de “mercado matrimonial”, resultando na chamada *solidão da mulher negra*. Isso se dá tanto por conta dos estereótipos associados à essas mulheres, quanto pelos

---

fatores como o padrão de beleza e a busca por ascensão social, que influenciam nas decisões amorosas (MATEUS, 2016).

Desse modo, os traços associados à negritude (cabelo crespo, pele escura, nariz largo, dentre outras), por se distanciarem de um padrão eurocêntrico de beleza imposto como modelo a ser seguido, acabam sendo inferiorizados, levando ao menosprezo das mulheres negras na dinâmica do mercado matrimonial (MATEUS, 2016, p. 4).

Giliam (1995 apud MATEUS, 2016) aponta que “[...] décadas depois da destruição do sistema de mão-de-obra da escravidão, a posição social e a mobilidade ficaram presas ao sistema de códigos fisiológicos” (p. 4). Ou seja, o racismo, além de estar relacionado a cor da pele, para mulheres e homens negros, está associado a seus traços considerados distintivos negros. Isso nos leva a duas outras questões, o colorismo ou pigmentocracia e a prática do embranquecimento.

Os processos de colonização e escravagismo no Brasil e nos Estados Unidos foram diferentes. Nos EUA, mesmo após a abolição da escravatura, existia uma divisão binomial entre brancos e negros (SILVA E SILVA, 2017), além disso a negritude era determinada por herança. Isso quer dizer que, mesmo que a pele do sujeito fosse clara, tendo na sua ascendência ao menos um negro, a pessoa poderia ser considerada negra. Já no Brasil, as fronteiras entre ser branco ou negro não se tornaram tão estanques e ainda foram mais apagadas através do mito difundido da democracia racial.

No entanto, mesmo tendo de forma tão definida o que é ser branco ou negro, nada impediu que a pigmentocracia, conhecida como colorismo, atuasse no Estados Unidos. É ela que faz dos negros de pele mais clara e de traços “mais finos” (que se assemelham ao padrão de beleza branco europeu) mais aceitáveis socialmente.

Com essa relação polarizada [branco/negro nos Estados Unidos], tornava-se fácil utilizar-se da valorização dos negros mais claros para fundamentar que os negros, embora negros fossem, poderiam ascender racial e socialmente, caso se embranquecessem por mecanismos biológicos (resultados de relações inter-raciais) ou estéticos. Em outras palavras, restava decretada a inferioridade do negro, mas este, com determinados comportamentos poderia ser tolerado na comunidade branca - ainda sendo reconhecido como negro (SILVA E SILVA, 2017, p. 10 e 11).

Contudo, é interessante pontuar que, com os movimentos de afirmação de identidade e luta por direitos, como nas campanhas anti-racistas da década de 1960 que afirmavam que “black is beautiful” (negro é lindo), a reafirmação de traços culturais e estéticos negros pela

população negra vem como forma de resistência aos padrões impostos. Nesse contexto identitário, ser negro e reafirmar esses traços se torna algo com conotação positiva e atribui uma dimensão política ao corpo.

Partindo do nível de gênero, como visto, existem diferenças entre a vivências e as experiências raciais de mulheres e homens negros. Considerando as diferenças entre tons de pele negra e as diversas formas de miscigenação, também já é possível elencar vários outros grupos de pessoas negras. Somando esses diferenciais a variáveis como faixa etária, classe social, distribuição de renda e às mais diversas vivências pessoais do indivíduo, se torna perceptível que a comunidade negra norte-americana não é uma unidade de simples definição ou enquadramento. Tais diferenças ainda irão influir na forma como os indivíduos se manifestarão politicamente em relação ao racismo. Fazendo com que distintas modalidades e objetivos de militância coexistam.

Nesse contexto de relações raciais, construção e disseminação de identidades, a comunicação tem papel fundamental. Os produtos da cultura da mídia (KELLNER, 2001) são responsáveis por disseminar representações sociais e ideais do que é certo, errado ou aceitável. Sendo palco para reencenações do cotidiano de sociedades racializadas.

### **3. Buscando entender o negro na cultura da mídia**

Douglas Kellner (2001) afirma que a cultura da mídia fornece o material com que as pessoas constroem seu senso de etnia e raça, classe, sexualidade e nacionalidade. Sendo um setor vibrante da economia de dimensões globais. No entanto, não se trata de uma linha de dominação rígida do pensamento, pelo contrário, a própria cultura da mídia dá artifícios para que as pessoas a rejeitem ou adotem o que está sendo transmitido.

Os produtos dessa cultura podem emitir discursos: a) hegemônicos, ligados aos grupos de maior poder social; b) contra-hegemônicos, que favorecem minorias, por exemplo; c) passíveis de duplo enredamento, apresentam um hibridismo entre valores hegemônicos e contra-hegemônicos em sua composição.

Pensar negras e negros nesse cenário é remeter às representações sociais. Criadas e disseminadas através da comunicação, as representações são responsáveis por tornar certas coisas visíveis ou invisíveis no tecido social através de uma fragmentação preestabelecida feita no imaginário coletivo (MOSCOVICI, 2007). Implicando, justamente, no não reconhecimento de determinados grupos, como costuma acontecer com a comunidade negra.

Tomando como produtos da cultura da mídia as séries televisivas, além da baixa quantidade de negros envolvidos, seja na atuação ou em todo o esquema de produção, ainda há a problemática referente ao fato dos poucos negros representados serem encaixados em estereótipos. A estereotipagem para Stuart Hall (2016) é parte da manutenção da ordem social e simbólica.

A estereotipagem facilita a “vinculação”, os laços, de todos nós que somos “normais” em uma “comunidade imaginária”; e envia para o exílio simbólico todos Eles, “os Outros”, que são de alguma forma diferentes, “que estão fora dos limites” (HALL, 2016, p. 192).

Contudo, esse mesmo terreno, que pode ser tão hostil na representação de negras e negros, também é espaço para produções que fogem desse padrão. Como é o caso de *Dear White People*, série objeto de análise deste artigo, que tem como foco as vivências negras e coloca o protagonismo negro em evidência.

#### 4. Apresentando *Dear White People* (DWP)

A série norte-americana DWP, *Cara Gente Branca*, no Brasil, estreou mundialmente em 28 abril de 2017 no serviço de *streaming* Netflix com um total de 10 episódios, cada um com cerca de trinta minutos. Baseada no filme de mesmo título premiado no Festival de Sundance em 2014, ano de lançamento do longa, a série apresenta todos os episódios roteirizados pelo também criador e diretor do filme, Justin Simien.

Antes mesmo de sua estreia, DWP causou inquietação na internet após ter sido divulgado o vídeo de trinta e cinco segundos no YouTube que anunciava a data de lançamento da série. No vídeo a protagonista Samantha White (Logan Browning), uma universitária negra, pede gentilmente em seu programa de rádio *Dear White People*, que dá nome a série, que as pessoas brancas não se fantasiem de negros no *Halloween*, fenômeno racista conhecido como *blackface*, que também é o pontapé inicial do enredo do seriado.

O vídeo postado no canal oficial da Netflix no YouTube conta com mais de 5 milhões de visualizações e coleciona uma marca de 429 mil avaliações negativas<sup>3</sup>, além de comentários desfavoráveis. Por conta do vídeo, o serviço de *streaming* foi acusado de promover *racismo contra brancos*, sendo alvo de boicote suscitado pelo grupo *alt-right*, conhecido por ser de

---

<sup>3</sup> Dados coletados na plataforma do YouTube em 16 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1LzggK5DRBA>

extrema direita e a favor da noção de supremacia branca<sup>4</sup>. Apesar da tentativa de boicote, a série possui aprovação unânime no *Rotten Tomatoes*<sup>5</sup>.

Quanto a sua estrutura, cada episódio é conduzido a partir da perspectiva de um personagem, com exceção do décimo episódio, último da temporada. Apesar de vários personagens obterem destaque no enredo, cabe, aqui, delinear ao menos os que conduzem os episódios.

Samantha White (Logan Browning) é a protagonista, estudante de *media studies*, possui um programa de rádio que tem o mesmo nome da série, é militante, negra mestiça de pele e olhos claros. Assim que a série tem início, encontra-se em uma relação amorosa com Gabe (John Patrick Amedori), um homem branco. Reggie (Marque Richardson) é um dos amigos próximos à Samantha, ele também é negro e nutre um interesse amoroso por ela. Coco Connors (Antoinette Robertson) é negra de pele mais escura que a de Samantha e mantém um relacionamento com Troy Fairbanks (Brandon P. Bell), negro e filho do reitor da universidade em que estudam. Lionel Higgins (DeRon Horton), também negro, é estudante de Jornalismo e escreve para o jornal da universidade.

A série se passa na Universidade de Winchester, considerada pós-racista. O enredo tem início após uma festa de *Halloween* onde os alunos praticam o *blackface*. O evento foi promovido pela *Pastiche*, revista organizada por alunos brancos do campus. Após o ocorrido, o ambiente universitário é tensionado fazendo com que os diferentes grupos de militância negra, que nele se organizam, precisem se reunir e procurar soluções para a situação. Esse acaba sendo só o estopim que põe em evidência outras problemáticas raciais.

Assim, a dramédia satírica (BIBIANO e ENNE, 2017), DWP, retrata situações e temáticas diversas relacionadas ao racismo moderno nos Estados Unidos. Possibilitando uma análise a fim de compreender qual o seu discurso em relação a questões raciais no país.

## 5. Metodologia

Para analisar a construção da série DWP em relação às questões raciais nos Estados Unidos, foram assistidos os 10 episódios que compõem sua primeira temporada. A partir disso, foram catalogados os pontos ou temáticas apresentados na série que possuem relação com questões raciais no país de produção, mais especificamente relacionadas a comunidade negra.

---

<sup>4</sup> ADORO CINEMA, *Dear White People: Grupo pede boicote à série da Netflix por supostamente ser "racista" com brancos*. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-128654/>

<sup>5</sup> Site que possui avaliação de autores que são membros certificados de várias guias da escrita ou associações de críticos de cinema.

---

As temáticas consideradas para catalogação foram as que se apresentavam na série não só nas falas dos personagens, mas nos demais elementos que também compõem a cena. As categorias encontradas serão expostas posteriormente neste artigo. Através disso, também foi possível identificar em que episódios temas específicos aparecem e quais são retratados por todo o enredo, dados apresentados a seguir.

## **6. Analisando Dear White People**

Após serem assistidos todos os episódios da série DWP, foram catalogados os seguintes pontos relacionados a questões raciais nos Estados Unidos: 1) militância ou movimento negro, contido nas cenas de reuniões de grupos negros do campus ou em cenas de protestos; 2) racismo institucional que se apresenta em todo o enredo, com destaque no episódio cinco através da abordagem policial retratada; 3) relacionamento interracial, um dos elementos tensionadores da relação da protagonista Samantha White e seu namorado Gabe Mitchell; 4) representações do negro na mídia; 5) padrões estéticos e estética negra; 6) pós-racismo, a ideia apresentada no enredo de que a Universidade é pós-racista e trata todos da mesma forma; 7) estereótipos negros norte-americanos; 8) solidão da mulher negra; 9) colorismo ou pigmentocracia; 10) racismo contra brancos<sup>6</sup>, também tratado como racismo reverso; e o 11) privilégio branco.

Por possuir em sua estrutura narrativa cada episódio conduzido a partir da visão de uma personagem, DWP põe em evidência as diferentes identidades da comunidade negra em sociedades racializadas, que se constituem a partir das distintas experiências de vida. Esse é um dos fatores que influenciam nas temáticas que serão apresentadas por episódio. Veja a tabela a seguir que expõe em que episódios os temas aparecem e quem são os personagens que conduzem a narrativa em casa um deles:

---

<sup>6</sup> Tenho ciência de que o “racismo contra brancos” é algo inexistente, uma vez que o racismo é constituído por uma relação de poder onde os negros não são a hegemonia, por sua vez não se tornam praticantes de racismo mesmo que tenham ofensas à branquitude. O que chamo de “racismo contra brancos” é apresentado na série de forma crítica e irônica. Mais informações podem ser encontradas no tópico 6.4 do presente artigo.



Tabela 1 – Personagem condutor por episódio e temáticas apresentadas por episódio

Episódios										
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
<b>Personagem condutor do episódio</b>	Samantha	Lionel	Troy	Coco	Reggie	Samantha	Gabe	Lionel	Coco	Não possui
<b>Temas</b>										
Militância	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Racismo institucional	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Relacionamento interracial	X	X		X	X	X	X	X	X	X
Representações midiáticas	X	X	X		X	X	X			X
Padrões estéticos e estética negra	X			X					X	
Estereótipos negros norte-americanos	X	X	X		X	X		X		X
Pós-racismo	X	X			X					
Racismo contra brancos	X		X					X		X
Solidão da mulher negra			X	X					X	
Colorismo				X	X					
Privilégio Branco							X			

---

## 6.1 Tratando dos temas mais frequentes

A série DWP, como apresentado anteriormente, tem seu início após uma festa onde alunos brancos promovem *blackface*, por conta disso e de outros acontecimentos, as reuniões dos grupos negros da Universidade de Winchester, local em que a trama se desenvolve, são constantes em toda a série, fazendo da militância negra e as diferentes formas de atuar frente ao racismo um de seus principais temas.

É interessante enxergar as distintas posturas dos grupos de alunos em relação às formas de militância. Samantha, Reggie e Joele, junto a outros alunos, têm uma visão mais dura e incisiva em relação aos seus protestos. Já Troy Fairbanks e Coco Connors fazem parte de um grupo de alunos que busca ter uma visão mais diplomática de militância, parte dessa diplomacia se dá pelo fato da aproximação com a reitoria que é conduzida pelo pai do Troy. Outro grupo de alunos negros busca a militância nas redes sociais através do uso de *hashtags*, assim como existem demais estudantes com outros posicionamentos.

O que deve ser destacado é que apesar das diferenças entre esses grupos, em algum ponto eles todos se encontram na mesma condição: negros vítimas do racismo. Isso faz com que eles precisem entrar em um acordo para lutar contra algo que está sobreposto às suas diferenças. Um dos motivos para que os personagens tomem uma posição militante é o racismo institucional.

Apesar de ser considerada pós-racista e possuir um reitor negro, a Universidade de Winchester é local para o racismo institucional e representa um espaço majoritariamente branco. Fato que pode ser notado na divisão das casas de moradia no campus. Os alunos negros são congregados em uma única casa, a Armstrong-Parker House, e por diversas vezes não têm seus manifestos atendidos quando pedem providências em relação ao caso de *blackface*, por exemplo.

Vale destacar que o quinto episódio da série, dirigido por Barry Jenkins, diretor do filme ganhador do Oscar, *Moonlight*, é um dos mais emblemáticos em relação ao racismo institucional. Conduzido pelo personagem Reggie, o conflito principal desse ponto da narrativa se dá em confronto com a polícia.

Em uma festa no campus, após pedir para que um estudante branco não emita a expressão *nigah* (que pode ser traduzida como “negão” ou “meu preto”), Reggie é questionado por esse aluno branco incontáveis vezes a respeito do motivo de seu pedido. A discussão acaba levando ao início de uma briga física que é interceptada pela entrada de policiais. Os agentes

da polícia logo apontam as armas para Reggie, simplesmente por ele ser o negro envolvido na briga, e pedem para que ele comprove que é realmente um aluno do campus.

Esse trecho da narrativa faz referência direta a casos que foram noticiados nos últimos anos de violência policial contra negros nos Estados Unidos, que não divergem tanto da realidade brasileira. Nessas ocorrências, principalmente, o jovem negro do sexo masculino é suspeito antes mesmo de existir qualquer tipo de averiguação do ocorrido. Lembrando que a violência policial só em 2015 matou 104 negros não armados nos Estados Unidos, o que representa 36% de pessoas não armadas mortas no ano em questão no país<sup>7</sup>.

## 6.2 Quando questões raciais e de gênero se encontram

Apresentando como protagonista uma mulher negra, DWP não poderia fugir do debate que envolve o preconceito de gênero aliado ao racismo. Ao passo que seu relacionamento com Gabe Mitchell (John Patrick Amedori), um homem branco, se torna público, Samantha (Logan Browning) põe em cheque seu discurso enquanto militante, uma vez que ela havia escrito um artigo intitulado *Não se apaixone pelo seu opressor*.

A problemática do relacionamento interracial, que se desenvolve em praticamente todos os episódios, é pautada na questão do homem branco representar um duplo opressor para mulheres negras (MATEUS, 2016). No entanto, preciso pontuar duas questões. A primeira é que Gabe, o namorado de Samantha, como personagem, representa só o namorado de Samantha, o seu desenvolvimento não é tão aprofundado como o de outros personagens.

Gabe é representado com características amplamente articuladas à personagens femininos que tem como função narrativa limitada. Funcionando apenas como uma trama romântica secundária à trajetória do herói, aqui no caso, a protagonista Sam. [...] Gabe não é só colocado como um sujeito passivo por uma escolha assertiva. Ele é representado desta forma justo pela construção da sátira articulada na série (BIBIANO e ENNE, 2017, p. 9).

O segundo ponto é que, apesar de consciente da opressão que Gabe representa, há coisas que fogem do controle de Samantha, como os seus sentimentos. Isso demonstra que os relacionamentos afetivos inter-raciais são muito mais complexos do que um binômio branco/negro.

---

<sup>7</sup> Dados do “Mapping Police Violence”, um site que compila dados colaborativos sobre a violência policial nos EUA. Disponível em: <<https://mappingpoliceviolence.org/unarmed/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

---

Tratando agora da solidão da mulher negra, tema que se desenvolve nos episódios conduzidos pela Colandrea Conners ou "Coco" (Antoinette Robertson), há uma cena que se destaca. No quarto episódio, Coco sai com algumas amigas para uma festa onde deve ficar esperando que um homem venha lhe chamar para lhe fazer companhia. Todas as outras amigas brancas são chamadas por alguém, Coco é a única que acaba permanecendo sozinha. Nesse contexto, a personagem apresenta os mesmos pré-requisitos para frequentar aquele espaço, divergindo apenas em suas características fenotípicas.

DWP também utiliza da metalinguagem para criticar a forma que as mulheres negras são retratadas na televisão. Os alunos negros assistem ao seriado fictício *Defamation*, uma sátira à série *Scandal* (2012), produzida pela ABC. A crítica é feita a séries que colocam mulheres negras como protagonistas com funções narrativas para satisfazer homens brancos. Em um diálogo propositalmente com pouco sentido de *Defamation*, a protagonista começa falando sobre assuntos políticos e acaba sendo convidada a fazer sexo oral no personagem que é um homem branco. O que também está ligado ao estereótipo negro norte-americano da Jezebel (MATEUS, 2016).

Ainda no território da crítica às representações midiáticas. No quinto episódio, Joele, Lionel, Reggie e mais três personagens recorrentes de etnias diferentes, criticam diretamente a forma que são representados no cinema. A crítica vai desde algo mais geral até um recado direto ao cineasta Tarantino: “Só porque deixou Jamie Foxx matar racistas em *Django*, acha que pode usar todos os estereótipos de negro existentes” (DEAR WHITE PEOPLE, 2017, cap. 5). Com isso, o discurso de DWP em relação ao combate aos estereótipos e as más representações midiáticas pode ser notado de duas formas: 1) na não reprodução deles em seu enredo, a não ser que seja de forma satírica; 2) na crítica direta feita à falta de representações sociais verossímeis nos produtos de cultura da mídia.

Preciso pontuar que a série traz, na figura do Lionel Higgins (DeRon Horton), um personagem negro gay ainda buscando compreender sua sexualidade. Contudo, não observei em DWP a intersecção dos temas incitando discussões muito abrangentes a respeito do que figura ser um negro gay.

### **6.3 Relacionando colorismo, embranquecimento e estética negra**

É possível saber, através de *flashbacks*, que, ao ingressarem na Universidade de Winchester, as personagens Coco e a Samantha eram amigas. No entanto, houve uma

---

divergência entre as duas que está diretamente associada às diferentes vivências negras que possuem.

Samantha é mestiça, já Coco tem a pele negra mais escura e os traços negros mais acentuados. Coco, tentando se sentir aceita, procura entrar numa irmandade de mulheres negras que buscam ter padrões de classe e beleza europeia, já Samantha direciona sua atenção para participar de uma união de jovens negros onde é muito importante reafirmar-se enquanto tal. Em uma cena do quarto episódio de DWP, as duas personagens discutem por planejarem eventos no mesmo horário e local para os diferentes grupos que fazem parte. No entanto, a discussão parte para um lado mais pessoal levando a um diálogo sobre a construção da identidade negra.

Samantha está no quarto tentando prender seu cabelo para que ele se aproxime mais de um penteado afro, Coco a pouco tempo investiu todas as suas economias na aplicação de um *mega hair* de cabelo liso. Por ser mestiça, Samantha possui os privilégios dados pelo colorismo às pessoas que possuem um tom de pele negra mais clara. Contudo, Samantha não reconhece que se torna mais aceita por conta disso e que para ser tida como negra está buscando estratégias estéticas para se “enegrecer”. Já Coco afirma que para ela nunca houve dúvida sobre ser negra: “as pessoas olham para minha pele e acham que sou pobre, sem formação ou vagabunda, por isso eu tento disfarçar e entrar na irmandade” (DEAR WHITE PEOPLE, 2017, cap. 4).

Este é um dos momentos em que DWP explora a complexidade do que é ser negro. Algo estrategicamente menosprezado em outras produções midiáticas reprodutoras de estereótipos. Estratégias de reafirmação de identidade ou tentativas de embranquecimento são permeadas por vários fatores, revelando que, o que está refletido na busca por mudança estética negra, deriva de várias camadas da experiência social interracial de cada indivíduo negro.

#### **6.4 Falando de gente branca**

O sétimo episódio de DWP é o único conduzido por um personagem branco, Gabe Mitchell, é nele que o tema privilégio branco aparece. Isso ocorre pelo fato de termos sua perspectiva a respeito de como ele se sente ao frequentar ambientes majoritariamente negros. É possível notar através da construção de Gabe que, mesmo tendo certa consciência dos seus privilégios, em alguma instância ele ainda tende a pensar que a meritocracia é o que rege a ascensão de pessoas brancas frente a pessoas negras.

---

Isso demonstra a dificuldade das pessoas brancas em notar a existência estrutural do racismo moderno. No entanto, é preciso destacar que a falta de consciência sobre seu lugar de privilégio não é algo utilizado em DWP como desculpa para que sejam aceitos atos racistas.

Outro ponto trabalhado é o do racismo contra brancos, algo que a série foi acusada de promover. No entanto,

não existe racismo de negros contra brancos ou, como gostam de chamar, o tão famigerado racismo reverso. Primeiro, é necessário se ater aos conceitos. Racismo é um sistema de opressão e, para haver racismo, deve haver relações de poder. Negros não possuem poder institucional para serem racistas. A população negra sofre um histórico de opressão e violência que a exclui (RIBEIRO, 2014)<sup>8</sup>.

A inexistência dessa forma de expressão de racismo é algo abordado no primeiro episódio da série quando Samantha está falando em seu programa de rádio. Ela afirma que as piadas dela sobre brancos não afetam a vida dos membros dessa população, o contrário já provoca vários casos violência. O retrato dessa temática em DWP se dá de forma irônica ou contestadora.

## 7. Considerações finais

Observando o contexto de produção em grande escala de séries televisivas dos Estados Unidos e a circulação desses produtos de cultura da mídia globalmente, é de extrema importância que esse seja um espaço onde as diferentes identidades étnicas e raciais sejam respeitadas. No entanto, no tocante a população negra, foco deste artigo, esse ainda é um ponto que precisa de melhorias. DWP representa ainda uma pequena parcela desse volume de produções.

Contudo, vale destacar que ter DWP com um discurso que valoriza as individualidades de mulheres e homens negros, trazendo voz e complexidade a esses sujeitos, é um grande avanço. Há um reconhecimento na série da identidade individual negra a partir das diferentes vivências, mas, como observado, isso não impede que seja criada também a ideia de uma comunidade negra composta por sujeitos singulares.

Antes de iniciar a análise, tinha como hipótese que haveria uma linha de pensamento única que guiaria a construção da série em relação às questões raciais nos Estados Unidos. No

---

<sup>8</sup> RIBEIRO, Djamilia, *Falar em racismo reverso é como acreditar em unicórnios*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/escriptorio-feminista/racismo-reverso-e-a-existencia-de-unicornios-205.html>. Acesso em: 14 nov. 2017.

entanto, concluo que, assim como as relações raciais e o racismo moderno não são simples em suas composições, assim também se dá a construção da série no que toca esses temas. Aproximando o enredo de uma maior verossimilhança com o cotidiano racializado do seu país de produção.

## Referências

BIBIANO, Matheus, ENNE, Ana. **“Cheque seu privilégio ao entrar”**: Racializando o branco com a série **Dear White People**. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2017/resumos/R12-0809-1.pdf>>. Acesso: 14 out. 2017.

CALDEIRA, Isabel. **A construção social e simbólica do racismo nos Estados Unidos**. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 39, maio 1994. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/11596>>. Acesso em: 18 set. 2017.

**DEAR White People**. Netflix, 2017.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, 2016

KELLNER, Douglas. **Cultura da mídia**. Bauru, EDUSC, 2001

LIMA, Marcus Eugênio; VALA, Jorge. **As novas formas de expressão do preconceito e do racismo**. Estudos em Psicologia. Natal 9(3), 401-411, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>>. Acesso: 31 jan. 2017.

MATEUS, Suzana Maria de Souza. ***I ain't thinking 'bout you*: performance de superação e solidão da mulher negra no videoclipe Sorry de Beyoncé**. Anais XXXIX Congresso Intercom São Paulo - SP, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1752-1.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, Vozes, 2007.

SILVA E SILVA, Tainan Maria Guimarães. **O colorismo e suas bases históricas discriminatórias**. Revista Direito UNIFACS, nº 201, 2017. Disponível em: <<http://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760/3121>>. Acesso em: 13 nov. 2017.